

# A IMPORTÂNCIA DO OLHAR NA RELAÇÃO COMUNICATIVA ENTRE PROFESSOR E ALUNO

THE IMPORTANCE OF A LOOK IN THE COMMUNICATION RELATIONSHIP  
BETWEEN TEACHER AND STUDENT

Djavan Antério <sup>1</sup>  
Universidade Federal da Paraíba

## RESUMO

Este artigo discute sobre a comunicação por meio do corpo, mais especificamente, pelo olhar. Aflora-se a problemática da fragilidade existente na relação entre professor e aluno e se elucidam os benefícios advindos de uma comunicação clara e objetiva. Partindo-se da premissa de que, ao se compreender o olhar, é possível decodificar mensagens geralmente imperceptíveis à comunicação meramente falada e/ou escrita, argumenta-se sobre a efetiva contribuição da interpretação desse canal de comunicação no contexto educacional. Dentre as principais considerações, fundamenta-se que o olhar é significativo para o processo de ensino-aprendizagem, visto sua evidenciação daquilo que pode ou não estar comprometendo a boa comunicação em sala de aula.

**Palavras-chave:** Educação. Comunicação. Corpo. Olhar.

## INTRODUÇÃO

Objeto de estudo já há algum tempo em nossas pesquisas, o corpo se configura como uma fonte intermitente de informações, que podem acontecer entre nós e os outros (corpos), entre nós e o meio que nos entorna, e como não poderia deixar de ser, entre nós e nossos próprios corpos. Obviamente, tais entendimentos requerem uma visão ampliada, aberta, em que se contemple e assimile toda a subjetividade inerente ao corpo complexo que temos.

Nos dias atuais, o corpo vem sofrendo constantes questionamentos, independentemente da área científica. Entretanto, qualquer que seja a vertente desses questionamentos, conduzimo-nos por aquele que considera a complexidade constante do processo de criação, adaptação e, sobretudo, transformação do sujeito (LABAN, 1978). Para Laban, independentemente da área de conhecimento, o corpo sempre será

---

<sup>1</sup> Doutorando e Mestre em Educação, graduado em Educação Artística e em Educação Física pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Corporeidade, Cultura e Educação (GEPEC) - Centro de Ciências da Saúde/UFPB. Atualmente compõe o quadro docente do Departamento de Educação Física (DEF/UFPB) e também do Departamento de Pedagogia (modalidade à distância/UFPB). E-mail: djavananterio@gmail.com.

dotado de complexas ramificações conectadas entre si e que, em sua completude final, é um forte elemento integrador, que possibilita e estimula novas trocas de relações.

À luz da teoria *labaniana*, nossa intenção é de fomentar uma discussão que transcenda a visão de corpo como “máquina”, pois entendemos que a estrutura corporal é composta de um emaranhado complexo de elementos subjetivos não automatizados, como sentimentos, sentidos e intuições. De forma mais específica, ascendemos à discussão acerca da importância do olhar no processo comunicativo entre professor e aluno. Assim, o objetivo deste estudo foi de elucidar o que a literatura oferece como argumentos para se voltar a atenção para o olhar dentro de uma esfera relacional entre pessoas. Traçamos perspectivas que sejam efetivamente incorporadas ao meio educacional, visto que nossa abordagem prioriza o cunho pedagógico.

Consubstanciados em Zuin (2006), fomentamos a ideia de que a história do processo educacional/formativo é marcada pelo desenvolvimento das mediações técnicas que permitiram sua comunicação e difusão. Na perspectiva defendida pelo autor, observa-se a presença de sentimentos diversificados, tal como a euforia, ressentimento em relação a tais mediações. De forma categórica, Zuin (2006) fundamenta que o homem, como ser político, é formado por meio da aquisição do conjunto de conhecimentos que o habilitam a afirmar o saber-fazer de determinada aptidão, como também as vicissitudes que compõem o sentido do que se entende como o “ser do Homem”. Nessa perspectiva, torna-se uma figura determinante no processo educacional/formativo, o educador que organiza e discute com seus alunos sobre os conhecimentos de forma ampla, recorrendo a meios (comunicativos) que subsidiem a eficaz inter-relação entre eles, como o olhar, por exemplo.

É importante ressaltar que exploramos o corpo sob uma perspectiva ativa, expressiva, para além de um mero subsídio, um elemento ativo e presente na ação interventiva do professor. Abordamos a comunicação corporal a partir da perspectiva do corpo como percepção e expressão inter-relacional do sujeito no mundo; a comunicação corporal do educador consigo, com os alunos e com o seu entorno. Nesse sentido, esta pesquisa se caracteriza como descritiva, de abordagem qualitativa, cujos dados foram coletados por meio de uma revisão sistemática de literatura. Para isso, utilizamos como arcabouço teórico autores que, cada qual à sua maneira, discute sobre o olhar e sua importância para a inter-relação social. São eles: Cardoso (1988), Corraze (1982), Chauí (1988), Knapp e Hall (1999), Rector e Trinta (1985), Pease e Pease (2005), Picard (1986) e Weil e Tompakow (1986).

Na literatura, encontramos alguns importantes estudos que se referem à contribuição do olhar no processo comunicativo, porém ainda são escassos os que priorizam a relação entre o professor e o aluno. Geralmente, temos discussões de forma mais ampla, identificando benefícios no relacionamento interpessoal. Então, unindo perspectivas vindas dos autores analisados, elucidamos aspectos importantes que podem facilitar a relação entre o professor e o aluno e, conseqüentemente, otimizar o processo de ensino-aprendizagem como um todo.

Partindo da problemática que evidencia a fragilidade existente na relação professor-aluno, principalmente no que concerne à comunicação entre eles, o trabalho de pesquisa foi desenvolvido pensando na comunicação através dos corpos presentes no contexto, mais especificamente, na comunicação estabelecida através do olhar, tanto do professor quanto do aluno. De forma geral, procuramos expor que a comunicação corporal pode e deve ser algo mais presente na comunicação e nos relacionamentos. Conseqüentemente, estabelecemos para nossa pesquisa a seguinte questão-problema: *Em que medida a compreensão do olhar pode contribuir para o processo de comunicação entre professor e aluno?*

## **SOBRE A COMUNICAÇÃO CORPORAL**

Para iniciar um proveitoso diálogo com os conceitos trazidos pelos autores aos quais recorreremos, apropriamo-nos da conceituação objetiva de comunicação proposta por Corraze (1982), a qual afirma que a comunicação só se efetua através da transferência de informação sob duas condições principais: a presença de dois sistemas (um emissor e um receptor) e a transmissão de mensagens.

Retendo-nos mais especificamente à comunicação humana, referenciamos Davis (1979), que define a comunicação humana como uma área de investigação e de estudos muito complexa, processada através do nível verbal (oral ou escrito) e o não verbal (olhar, gesto, postura, mímica). Como estamos focando a capacidade comunicativa corporal, remeteremos a discussão à dimensão não verbal, que Davis (1979) conceitua como a forma não discursiva transmissível por três suportes: (i) o corpo; (ii) os objetos associados a ele e (iii) os produtos da habilidade humana.

Mesquita (1997) assevera que é crescente o número de pesquisas científicas que evidenciam a importância da comunicação não verbal na interação social e menciona algumas investigações em que a contribuição das palavras, em uma interação entre pessoas, é apenas indireta. Em contrapartida, independentemente do nível de

comunicação (verbal ou não verbal), Rector e Trinta (1985) afirmam que a comunicação humana é caracterizada como um fenômeno, como uma função social. “Comunicar é manifestar uma presença na esfera da vida social; é estar-no-mundo-junto-com-outros” (p.8). Para os autores, comunicar envolve uma perspectiva de partilha e de transferência de informação entre dois ou mais sistemas. A mensagem como unidade de comunicação e interação entre indivíduos ocorre por meio do intercâmbio de uma série de mensagens (RECTOR; TRINTA, 1999).

Buscando uma relevância mais objetiva para nossa pesquisa, debruçamo-nos sobre o *nível de comunicação não verbal*, segundo o qual, conforme Mesquita (1997), há, atualmente, um crescente interesse, provavelmente por estar relacionado à sua importância e representatividade no processo de relacionamento e compreensão mútua entre seres humanos; e a *ação docente*, no sentido de analisar de que forma a comunicação não verbal pode ser somada à capacidade comunicativa corporal do professor.

Ao abordar o sistema comunicativo não verbal, Argyle (1988) também distingue os seguintes canais de comunicação: expressão facial; olhar; gestos e movimentos posturais; contato corporal; comportamento espacial; roupas, aspecto físico e outros aspectos da aparência. Esses canais fazem parte de uma categorização que ele denomina de diferentes sinais corporais. Os gestos e os movimentos, de acordo com Argyle (1988), compõem os inúmeros canais de comunicação que o ser humano utiliza para se expressar, comunicar-se, enfim, transmitir informações que considera necessárias para se fazer entender em um dado momento, como por exemplo, em cerimônias, encontros sociais, entre outros.

Especialistas nesse campo das comunicações não verbais, Knapp e Hall (1999) apresentam um esquema de classificação bem mais detalhado da conduta não verbal. Essa classificação é dividida em sete áreas, de acordo com a literatura ou com as investigações científicas: a) movimento corporal ou cinésica (emblemas, ilustradores, expressões de afeto, reguladores e adaptadores); b) características físicas; c) comportamentos táteis; d) paralinguagem (qualidades vocais e vocalização); e) proxêmica; f) artefatos; e g) o meio ambiente. Tais áreas são fundamentais para o aprofundamento da temática em questão. Em nossa pesquisa, serviram para entendermos as nuances do corpo ao se comunicar.

Acerca da ação docente, partimos da premissa trazida por Mesquita (1997), que reconhece a importância de um modo não verbal expresso por meio do movimento

corporal. Ao lado do verbal, esse atentamento é sobremaneira relevante, principalmente para profissionais cuja ação está diretamente relacionada ao corpo e ao movimento, como é o caso dos psicólogos, dos médicos e dos profissionais de Educação Física. Frente ao exposto contexto conceitual, deparamo-nos com uma das principais questões motivadoras para nossa proposta, que é de reconhecer e enfatizar o discurso não verbal como peça fundamental na ação profissional do professor.

Evidenciamos a necessidade de os profissionais de educação – no caso específico, aqueles que atuam no âmbito escolar – de compreender a comunicação do corpo em movimento, a fim de serem mais eficientes no desenvolvimento de suas atividades. O fato é que ainda são escassos os trabalhos que estudam a relação *corpo-movimento-comunicação*, com uma intenção de ativar a percepção dos sinais não verbais visando melhorar a ação interventiva do professor.

Sobre esse caráter profissional, Knapp e Hall (1999), ao discutirem sobre os trabalhos a respeito da habilidade de profissionais (médicos, professores, psicólogos) perceberem sinais não verbais, comentam que aqueles que se ocupam de condutas não verbais obtêm maior pontuação nessa habilidade do que os demais. É justamente nesse sentido que caminhamos com nossa proposta, procurando excitar a classe de educadores para que atente para o real valor do aprimoramento sensitivo da comunicação corporal.

Nossa abordagem sustenta-se na consideração da linguagem corporal como ferramenta da comunicação humana, de modo que, “[...] entendendo o que o corpo diz, entendemos melhor o que os outros nos têm a dizer [...]” (PEASE; PEASE, 2005, p. 48). Adotamos ainda a perspectiva trazida por Glusberg (2003), segundo a qual, o corpo passa pela prática de se comunicar através de suas “inervações”, isto é, o corpo provocado e explorado em sua máxima potencialidade. Exploramos o movimento, também, na perspectiva de Weil e Tompakow (1986), que o consideram como um diálogo entre o homem e o mundo e não, apenas obrigatoriamente, uma mudança de lugar das partes do corpo. O movimentar-se, segundo os autores, tanto para crianças quanto para adultos, é uma forma da existência, em que se têm os próprios valores e onde o homem, durante toda uma vida, pode se realizar através de sua expressividade.

A temática em questão nos instigou a adotar a prerrogativa de Picard (1986) de que nossos gestos estão presentes até mesmo na relação verbal existente entre os sujeitos. Dessa forma, dificilmente conseguimos nos relacionar, comunicarmo-nos e interagir uns com os outros sem que o gesto corporal, por meio da linguagem não verbal, evidencie-se. Picard (1986) argumenta que a noção do corpo ainda é muito vaga,

e a simples evidência de uma matéria de envelopamento não basta para defini-la. Por conseguinte, instigamos a linguagem corporal tornando-a aparente aos olhos externos, ou seja, daqueles que as veem. Assim, a comunicação entre transmissor e receptor pôde ser otimizada e desencadeou um processo comunicativo mais fluente e eficaz. Contrariando o raciocínio lógico, ancoramo-nos na leitura corporal como ferramenta de comunicação poderosa equivalente ao poder da palavra, em que cria uma ligação com as informações ocultas psicologicamente. Então, o comportamento não verbal pode repetir, contradizer, substituir, complementar, acentuar ou regular o comportamento verbal (KNAPP; HALL, 1999).

Defendemos que o movimento humano não se reduz à funcionalidade dos efeitos físico-químicos, da imagem corporal, da cultura de movimento ou da expressão de sentimento. A busca não é pelas causas, mas pela criação do sentido comunicativo. Ao contrário da teoria e da prática da educação hegemônica, que trata os movimentos como destrezas ou habilidades motoras padronizadas, sua concepção de movimento caracteriza-se pela linguagem. Assim, posturas, posições, deslocamentos, feições, roupas e objetos “não são tomados como fragmentos inocentes da comunicação, mas como constituintes de configurações múltiplas e cambiantes de uma teia de significados. Os movimentos e os não movimentos são identificados como dizíveis” (GOMES-DASILVA, 2003, p. 335).

## **OLHAR: CONCEITOS E PERSPECTIVAS**

Enfatizando o sentido da visão, apresentaremos a seguir fundamentações que fomentam a relevância do olhar no processo comunicativo, relacional e intersocial. Para isso, referenciaremos os diversos autores aos quais recorreremos, priorizando as similaridades conceituais acerca do olhar como um efetivo canal de comunicação. Iniciaremos abordando o olhar através de um pensamento mais poético, subjetivo. Posteriormente, elencaremos o olhar expressivo, evidenciando aspectos mais objetivos no que se refere às suas mais diferentes conceituações. Por fim, aproximamo-nos do contexto temático abordado neste estudo e tratamos o olhar como um canal de efetiva comunicação.

## O olhar poético

Iniciando por um viés mais poético, destacamos os pensamentos de Cardoso (1988) e de Chauí (1988). Isso implica nos ancorarmos na subjetividade do tema trabalhado, ou seja, os autores citados apresentam uma leitura acerca do olhar que nos remete a uma reflexão leve, desprendida de conceitos e/ou aspectos que pairam sobre a concretude das ideias e a indisposição da reflexão mais transcendental. Cada um dos autores, à sua maneira, discute sobre o olhar como um elemento singular na conjuntura de nossos sentidos.

Com Cardoso (1988), temos o olhar voltado para a atividade, as virtudes do sujeito, o que atesta “a ação e a espessura” de sua interioridade. Diferenciando visão e olhar, o autor argumenta que, enquanto o primeiro supõe e expõe um campo de significações, o segundo – “necessitado, inquieto e inquiridor” – segue a trilha do sentido, caracterizando-se como a visão feita interrogação. Logo, segundo o autor, o olhar pensa.

O olhar, sabemos, não descansa sobre o plano amplo e espraiado que define um horizonte, mas procura barreiras e limites, perscruta suas diferenças e vazios. Trata-se de algo bem conhecido. Que qualquer relevo ou sinuosidade, falha ou obscuridade destoe da unidade pré- vista da paisagem familiar, que um ponto de descontinuidade ou incongruência se manifeste, qualquer sinal de ruptura, inesperado ou imprevisto [...]. (CARDOSO, 1988, p. 358)

Em consonância com o dito, Chauí (1988, p. 33, 40), alicerçando-se em indagações consolidadas de outros pensadores como Descartes e Sartre, evidencia a questão de que olhar é, ao mesmo tempo, “[...] sair de si e trazer o mundo para dentro de si [...]”. Tal afirmativa desencadeia um peculiar pensamento que defende o olhar como usurpador dos demais sentidos. “[...] O olhar apalpa as coisas, repousa sobre elas, viaja no meio delas, mas delas não se apropria [...]”. A autora reflete sobre o fato de o olhar ultrapassar os outros sentidos simplesmente por se realizar naquilo que lhes é vedado pela finitude do corpo, a saída de si, sem precisar de mediação alguma. Da mesma forma, volta a si, sem sofrer qualquer alteração material. De forma metafórica, porém bastante eloquente, Chauí (1988) fundamenta que o olhar ensina um pensar generoso que, entrando em si, sai de si pelo pensamento de outrem que o apanha e o prossegue. O olhar, segundo a autora, identidade do sair e do entrar em si, é a definição mesma do espírito.

Fica evidente o desprendimento dos pensamentos aqui abordados. Tanto com Cardoso (1988) quanto com Chauí (1988), o olhar toma uma proporção de ressignificação, ou seja, uma nova ou simplesmente diferente forma de compreender. A partir desse contexto, avaliamos positivamente a vertente analítica que explora o olhar de forma poética, destoando das correntes – importantes – já consolidadas, algumas delas tratadas a seguir.

### **O olhar expressivo**

Adentrando uma perspectiva mais conceitual – porém ainda mantendo certo grau de subjetividade – referenciamos dois autores que discutem sobre o corpo a partir de sua completude, sem dissociá-lo em partes e/ou elementos distintos. Primeiramente, com Corraze (1982), temos uma discussão mais focada na comunicação. O autor trata de canais e de suportes que são e estão diretamente ligados à linguagem não verbalizada. Em segundo, porém não menos importante, temos Picard (1986), que explora a constante condução equivocada de o corpo ser pensado de maneira crua, sólida, sem a presença interpretativa da subjetividade que, por sua vez, chama a atenção do fato de ainda persistir, mesmo depois de inúmeros estudos que exploram a temática, uma visão reducionista do corpo, considerando-o por muitas vezes algo superficial e simplista.

Segundo Corraze (1982), a comunicação não verbal é um meio, entre outros, de transmitir informação sem se valer de linguagem escrita, falada ou de seus derivados não sonoros (linguagem dos surdos-mudos, por exemplo). De acordo com o autor, para o ser humano, as comunicações não verbais se processam através de três suportes: (i) do corpo, por meio de suas qualidades físicas, fisiológicas e movimentos; (ii) do homem, por meio dos objetos associados ao corpo, como os adornos, as roupas, ou mesmo as mutilações (marcas, cicatrizes, tatuagens); e (iii) da dispersão dos indivíduos no espaço, com o englobamento do espaço físico que cerca o corpo até o espaço que com que ele se relaciona - o espaço territorial.

Ressaltando a integralidade entre a linguagem verbal e a não verbal, Picard (1986) fundamenta que nossos gestos se fazem presentes até mesmo na relação verbal existente entre os sujeitos. Dificilmente conseguimos nos relacionar, nos comunicar e interagir uns com os outros sem que o gesto corporal, por meio da linguagem não verbal, evidencie-se. Segundo a autora, por mais que defendamos o aprimoramento prático da gestualidade corporal, nada é mais significativo do que a percepção do corpo que se comunica através de sua conjuntura completa, composta por verbalização,

intuição, sentidos e corporeidade. Para isso, a conexão entre consciência intelectual e corporal é fundamental, no sentido de que o corpo ocupa seu determinado espaço na interação cotidiana, “[...] nível privilegiado onde a Psicologia e a Sociologia confluem e se interferem [...]” (PICARD, 1986, p. 19).

Picard (1986) acrescenta que interação implica comunicação, seja ela verbal ou não verbal. Em uma situação de presença e de relação simultânea entre sujeitos, todo comportamento (vocal, gestual e/ou postural) exige um mínimo de valor comunicativo. Logo, a interação corporal surge como primeira forma de relação que, por meio da comunicação, não se realiza unicamente por meio da palavra, pois, em si, intervêm outros elementos, como a vestimenta, a relação com a moda atual, com as convenções de grupos sociais e com o modo com que cada um interpreta essas relações. Assim, ao abordar a comunicação, estamos também tratando da intervenção e da relação. Nota-se uma conexão, uma inter-relação entre os diversos fatores existentes na composição do sujeito. Consequentemente, comunicando-se bem, a interação relacional será beneficiada.

Diante do exposto, corroboramos a ideia da expressividade existente, porém não interpretada. Isto é, à luz de Corraze (1982) e de Picard (1986), consideramos que o olhar é imbuído de expressividade humana. Obviamente esse olhar diferencia-se em níveis, intensidades, ou seja, o quão expressivo o olhar pode ser. Contudo, a interpretação é sobremaneira importante do ponto de vista comunicativo, porque de pouco adianta – e referimo-nos mais especificamente ao contexto educacional – expressar-se pelo olhar, mas não se fazer entender. Em outras palavras, para que a comunicação seja efetiva, o olhar deve expressar e aquele que, em suma, recebe a expressão, deve captar e decodificar a informação presente nela.

### **O olhar comunicativo**

Explicitaremos a seguir, de forma mais incisiva, o contexto temático abordado neste estudo - o do olhar como canal de efetiva comunicação. Por conseguinte, diferenciaremos do subtópico anterior evidenciando a questão da expressividade sendo interpretada. Isto é, se antes tínhamos a questão da existência expressiva, porém com a ausência da interpretação, agora a relação comunicativa se efetua pela integração entre “transmissor e receptor”. Aquele, expressando a informação; e este, decodificando o que é informado. Consequentemente, de antemão, pode-se afirmar a existência concreta da comunicação entre as partes (KNAPP; HALL, 1999).

Como bem antecipamos, exploramos o movimento pela perspectiva trazida por Weil e Tompakow (1986), que o consideram como um diálogo entre o homem e o mundo e não, apenas obrigatoriamente, uma mudança de lugar das partes do corpo. Nessa linha de pensamento, depositamos no olhar um leque de possibilidades que revelam e/ou ocultam a diversidade informativa concebida por um sujeito. Ao olhar, interagimos com a realidade contemplada de forma a exprimir e captar informações que são oriundas dessa interação.

Acerca da comunicação corporal, Pease e Pease (2005) esclarecem que 93% da comunicação humana é feita através de expressões faciais e movimentos do corpo. Ao prestar atenção em nossa linguagem corporal e ao interpretar corretamente a dos outros, passamos a ter mais controle sobre as situações. Isso se justifica pelo fato de podermos identificar sinais de alegria, de tédio, de atração ou de rivalidade, agindo da forma mais adequada aos nossos objetivos.

É importante frisar que partimos da premissa de que a expressividade representa a intencionalidade manifestada, aquilo que queremos e pode, porém não obrigatoriamente, ser apresentada pela nossa linguagem verbal (KNAPP; HALL, 1999). A partir dessa perspectiva, ao abordar a expressividade corporal, preocupamo-nos com sua eficiência em proporcionar uma comunicação clara e objetiva. Referimo-nos tanto ao acervo gestual do transmissor quanto à amplificação desses gestos. Pensamos os gestos como sinais comunicativos suficientes para comunicar a intenção do homem e romper com a redução e a limitação de sua comunicação meramente verbal.

No olhar, de acordo com Segato (2007), existem fronteiras difíceis de ser estabelecidas. O olhar, assim como as palavras, expressa sentimentos. Por isso é importante apreender as leituras que vêm do olhar, porque olhar é comunicar. O fato é que nossas limitações e nossa capacidade dialogam com nossas diversas possibilidades de comunicação. Por isso é possível se mostrar triste sem falar se mostrar alegre sem propriamente sorrir. Por exemplo, a dinamicidade dos movimentos das mãos pode ser uma direta representação desse sentimento (WEIL; TOMPAKOW, 1986).

## **APRENDENDO E ENSINANDO POR MEIO DO OLHAR**

De forma mais abrangente, na contemporaneidade, linhas de estudos como a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia e até mesmo a Psiquiatria têm observado, com mais acuidade, os efeitos requeridos por um conceito multifuncional da comunicação humana. Isso, de certa forma, fomenta a preciosidade dos estudos que se dedicam aos

elementos verbais e não verbais. Isso justifica, por reflexo teórico-epistemológico, a importância da contribuição de tais elementos no processo de interação entre sujeitos. De forma mais específica, temos a evidência das contribuições de estudos como este para o contexto escolar, no que se refere à interação estabelecida entre o professor e o aluno.

A análise em foco ratifica o valor da comunicação corporal a partir do canal de comunicação “Olhar”, seja qual for sua especificidade (gestual, postural e/ou espacial). O fato é que a capacidade comunicativa corporal, quando explorada de forma consciente, promove e acentua diferentes funções daqueles que interagem no ambiente, como, por exemplo, na sala de aula (ANTÉRIO, 2011). Assim, é necessário que se reconheça a contribuição efetiva da exploração comunicativa do olhar e se perceba o que nele se propaga. Só assim, poder-se-á explorá-la adequadamente e torná-la mais que uma ferramenta no processo didático, mas algo entranhado na ação comunicativa corporal do sujeito.

Sobre isso, Picard (1986, p. 227) fundamenta que interação implica comunicação, seja ela verbal ou não verbal. Em uma situação de presença e relação simultânea entre sujeitos, todo comportamento (vocal, gestual e/ou postural) exige um mínimo de valor comunicativo. O corpo, então, aparece como “[...] um cenário onde existem várias instâncias discursivas, réplica de um personagem para outro, onde diferentes espaços semióticos são misturados constantemente, compondo e decompondo um caleidoscópio de expressões [...]” que resultam em ressonâncias corporais. Assim, nessa esfera expressiva, cada parte do corpo é, segundo Picard (1986, p. 227), envolvida por proporções variáveis como “[...]corpo e rosto, gestos e posturas, olhos e mãos, tensão muscular e movimento, sorriso e respiração [...]” .

Compreender o olhar como um canal efetivo da comunicação corporal é considerar que o corpo é, antes de qualquer coisa, uma evidência do ser humano, que o acompanha desde o seu nascimento. Assim, à medida que o sujeito vai se desenvolvendo, seu corpo apropria-se de uma conjuntura contemplada por tradição, costumes, cultura, hábitos, enfim, fatores inerentes a um sujeito tipicamente social (GOMES-DA-SILVA, 2003). Tal contexto dificilmente pode ser avaliado e/ou analisado por meio de uma abordagem crua, direta, meramente objetiva. O olhar, nesse viés, é fruto de uma subjetividade rica em elementos não concretos, não racionalizáveis, razão por que são necessários novos mapeamentos que revelem o desenho subjetivo

desse modo de se comunicar, buscando compreender, entre outras coisas, sua identidade, sua intencionalidade, enfim, as informações ali contidas.

O olhar é composto por ricas informações, que, por sua vez, revelam parcialmente o sujeito, oferecendo significados antes não percebidos, muito menos valorizados. A afirmação de que “*somos um corpo*” exemplifica bem o que defendemos junto com os pensamentos aqui abordados. Ademais, como pontua Medina (2002, p. 69), o corpo não deve ser apenas um objeto inscrito na categoria do jurídico, julgado como feito ou bonito, bom ou ruim, grande ou pequeno, forte ou fraco. Muito menos ser peça que cumpre sua função dentro da “[...] engrenagem social de um capitalismo periférico, dependente e selvagem [...]”.

Nesse contexto, arguimos sobre a perspectiva que cremos ser a mais completa e mais justa perante o valor do olhar na inter-relação social. Sua significância está diretamente ligada ao processo de desenvolvimento humano, passa pelo estar e pelo fazer-se entender no meio em que se insere. Considerando e decodificando a comunicação expressada pelo olhar, registramos as diversas possibilidades que podemos ter ao atuar junto com o nosso próprio corpo. De fato, o sujeito, tendo consciência de seus potenciais corporais, comunica-se e se expressa mais efetivamente. Do mesmo modo, o professor, consciente da sua ação corporal, não só se comunica e se expressa, como também aprende e ensina de uma forma mais eficiente (ANTÉRIO, 2011).

Respondendo ao nosso questionamento norteador, defendemos que compreender o olhar é propiciar um leque de possibilidades de se comunicar melhor com o outro e com o mundo. Tratando-se especificamente do contexto escolar, tal prerrogativa abre precedentes para uma intervenção docente mais sensível, que considere a si próprio e o aluno como *seres-sociais-humanos* que são. Isto é, possibilita que a comunicação existente entre professor e aluno seja realizada, de fato, sem a obrigatoriedade do suporte verbal. Olhar é falar, é sentir, é comunicar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ligarmo-nos ao nosso corpo além do aspecto natural da vida é tornar mais perceptíveis nossas transformações, nossas mudanças, nossas modificações corporais. Notar que nosso corpo, com o tempo, não é mais o mesmo, é fato inegável. Porém, estabelecer com ele uma confiante relação transcendental é, por consequência,

considerar suas possibilidades, respeitar suas limitações e confiar em sua potencialidade relacional.

Aproximando-se da perspectiva elucidada por Landowski (2005, p. 104), que argumenta acerca da tentativa de ultrapassar a visão dualista presente na semiótica, intervimos no “fazer estético do sujeito”, ou seja, em sua ação corporal, considerando aspectos da gestualidade, da expressividade, da postura e, até mesmo, de sua ocupação no espaço onde se insere. A partir dessa corrente interpretativa, a ação do sujeito se configura de maneira peculiar, ao pressupor uma vontade consciente para sustentar a busca do valor e do sentido – “[...] e que necessita certa extensão temporal, de tal maneira que o encontro com o sentido aparecerá então como o resultado de um processo interativo e não mais como um dom gratuito, recebido por pura sorte, graça ou acidente [...]”.

Em consonância com o dito, há, portanto, uma suposição do reconhecimento de um mínimo de coesão entre a forma do fazer do sujeito e o modo de estar de seu parceiro. Isto é, a interação considerada entre a disponibilidade do primeiro a sentir e a disposição sensível imanente ao segundo. Nas palavras Landowski (2005), trata-se do experimentado, vivido, “sentido” a favor do processo. Significa entender a maneira como o sujeito interage com outro sujeito ou com os objetos que encontra, cada um dos integrantes da relação ajustando-se, em ato, ao outro como seu parceiro dinâmico.

Sob o prisma da comunicação corporal, o ato de olhar toma mais proporções do que as convencionais do nosso cotidiano. Isso significa ir além do ver, enxergar. Promovemos a compreensão dos significados do vocabulário corporal, para poder ampliá-los e compartilhá-los. Por meio desse canal, ampliamos nossa capacidade comunicativa corporal. Desse modo, possibilitamos uma otimização da ação docente por meio da comunicação corporal, maximizando as sutilezas da zona de comunicação através do corpo. Todavia, não basta ter competência procedimental (estratégias de ensino), mas também dominar um “saber de relação”, que inclui a intenção de atitudes, afeições, valores e desejos.

Por fim, partindo do princípio de que “homem é o corpo, e o corpo é o homem”, a principal contribuição deste estudo configura-se na otimização/potencialização da capacidade comunicativa corporal do educador, estendida, de forma natural e espontânea, para o âmbito sobre o qual atua. Ignorar tal cenário é insistir na subutilização do corpo. É preciso que o professor tome consciência de seu corpo para explorá-lo bem mais. Para isso, é primordial que ele se veja no ato docente, enxergando

sua interação com o outro e com o meio. Assim, a qualidade de sua ação será melhorada e perdurará por muito mais tempo.

## ABSTRACT

This article discusses bodily communication, specifically through looking. The problem of the fragility in the existing relationship between teacher and pupil emerges and the benefits derived from a clear and objective communication are elucidated. Based on the premise that by understanding the look it is possible to decode messages usually imperceptible to merely spoken and/or written communication, we argue for the effective contribution of interpretation of this channel of communication in the educational context. Amongst the main considerations, we affirm that the look is significant for the process of teaching and learning, given that it provides evidence for what may or may not be compromising good communication in the classroom.

**Keywords:** Education. Communication. Body. Look.

## REFERÊNCIAS

- ANTÉRIO, Djavan. **Repercussões pedagógicas na capacidade comunicativa corporal do educador**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.
- ARGYLE, Michael. **Bodily communication**. 2nd. ed. New York: Methuen & Co., 1988.
- CARDOSO, Sérgio. O olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Adauto et al. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- CHAUÍ, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, Adauto et al. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- CORRAZE, Jacques. **As comunicações não-verbais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- DAVIS, Flora. **A comunicação não-verbal**. São Paulo: Summus, 1979.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GLUSBERG, Jorge. **A arte da performance**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando. **O jogo da cultura e a cultura do jogo: por uma semiótica da corporeidade**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003.
- KNAPP, Mark L.; HALL, Judith A. **Comunicação não-verbal na interação humana**. Tradução de Mary Amazonas Leite Barros. São Paulo: JSN, 1999.
- LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

LANDOWSKI, Eric. Para uma semiótica sensível. **Educação & Realidade**, v. 30, n. 2, p. 93-106, 2005.

MESQUITA, Rosa Maria. **Comunicação não-verbal**: atuação profissional e percepção da psicodinâmica do movimento expressivo. 1997. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento humano) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

MEDINA, João Paulo Subirá. **O brasileiro e seu corpo**. 8. ed. Campinas: Papyrus, 2002.

PEASE Allan; PEASE Barbara. **Desvendando os segredos da linguagem corporal**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

PICARD, Dominique. **Del código al deseo**: el cuerpo em la relación social. Buenos Aires: Paidós: SACIF, 1986.

RECTOR, Mônica; TRINTA, Aluizio Ramos. **A comunicação não-verbal**: a gestualidade brasileira. Petrópolis: Vozes, 1985.

SEGATO, Silvia Regina. **Encontros com a leitura**: para um novo olhar sobre a poesia. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Sócio-comunitária) - Centro Universitário Salesiano de São Paulo, São Paulo, 2007.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala**: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

ZUIN, Antônio. Educação e comunicação: uma abordagem histórico-filosófica. **Educação e realidade**, v. 31, n. 2, p. 43-66, 2006.